jornal 32.qxd 31/8/2005 12:00 Page 1

JORNAL Manuelzão
Saúde, Meio Ambiente e Cidadania
UFMG Belo Horizonte, agosto de 2005
ano 8 nº 32
Distribuição Gratuita

Linha Verde: será esse o caminho?

Assunto é • PÁGINA 9

Aterro perto do limite

Belo Horizonte precisa definir o futuro de seu lixo. Propostas têm gerado polêmica e protestos

Assunto é • PÁGINA 8

Festa do Rosário

Muita cor e ritmo em devoção à padroeira dos negros. Festa é tradição em toda a bacia do Velhas

Expressão • PÁGINA 11

jornal 32.qxd 31/8/2005 12:01 Page 2

Opinião

Carta ao leitor

Cautela é fundamental

Caro Leitor,

Todo mundo sabe que o barato, muitas vezes, pode custar caro. Daí a aplicar o famoso ditado é outra história. É o que podemos ver em relação ao que vive hoje Belo Horizonte com o transporte e o lixo. Uma grande obra viária será implementada para tentar solucionar alguns dos problemas de trânsito da capital. Mas será que a solução está em abrir mais caminhos para os carros ou investir no transporte coletivo? A curto prazo, as obras da Linha Verde, como é conhecido o projeto, são a opção mais barata, se comparada ao metrô. Entretanto, priorizar o transporte individual pode significar, a longo prazo, a eterna busca por novas soluções, ou melhor, remédios. Conheça mais sobre o projeto na página 9.

Outra questão que exige solução urgente é o aterro sanitário de Belo Horizonte. Nesse caso, o que pode dar dor de cabeça são as soluções em cima da hora, já que o aterro atinge seu limite no fim deste ano. Uma das alternativas estudadas tem sido elevar o aterro, ou seja, continuar depositando lixo mesmo com a cota esgotada. Mas os vizinhos do aterro não estão gostando da história e temem problemas como desabamentos. A prefeitura garante que não há perigo e o impasse continua. Entenda um pouco dessa discussão na página 8.

Mas nossa edição 32 não traz apenas polêmicas. Viaje pelo mundo dos contadores de histórias na página 16 e conheça mais sobre um dos trabalhos desenvolvidos pelo Projeto Manuelzão na bacia do Velhas: o biomonitoramento (Página 4).

As páginas de educação trazem uma série de exemplos interessantes para serem trabalhados na sala de aula. Como tornar aqueles famosos passeios escolares em uma atividade mais produtiva? (Página 12). E como fazer para que trabalhos de coleta seletiva não acabem incentivando o consumo? (Página 13).

Não deixe de entrar em contato com a nossa equipe. Comente as matérias. A sua opinião é fundamental para o nosso trabalho.

Em foco

Foto: Carolina Silveira

Vista da janela da casa em que morou Manuelzão, em Andrequicé

Editorial

O coelho, a onça e as águas do Velho Chico

Era uma vez um coelho que disse que iria à festa dos bichos montado numa onça. A notícia se espalhou no cerrado do São Francisco, provocando risadas e expectativas. Muito esperto, o coelho colocou um limãozinho na boca, empurrou pro lado da bochecha e ficou no caminho da onça. Quando ela passou o coelho disse:

- Oi dona onça. - Oi senhor coelho.

- Você não vai para a festa? Disse a onça.

- Só se for carregado. - respondeu o coelho - Veja meu rosto. Estou com muita dor de dente e febre. E também, nessa região não tem água, estou morrendo de sede aqui.

Condoída, a onça ofereceu-se para ajudar, levando-o à festa. A onça abaixou-se. O coelho montou nela, passou-lhe um cipó no pescoço. Com folhas de bananeira fez uma sela e ficou com uma varinha na mão. A onça estranhou a operação e perguntou-lhe: para que tanta parafernália, senhor coelho? - É que eu preciso me segurar bem, estou fraquinho. Se estiver caindo te cutuco com a vara, respondeu o coelho. A onça aceitou a explicação esfarrapada e foi para a festa, cerrado afora.

Em lá chegando, a bicharada nem acreditou no que estava vendo e começou a rir, a debochar da onça e a elogiar o coelho. Ele queria se eleger rei da bicharada.

Quando a onça percebeu que tinha sido enganada deu uma fungada ensurdecedora e uma contorcida violenta no corpo, e partiu para cima do coelho que aos saltos e, morrendo de rir, enfiou-se no mato e se escondeu num buraco. A onça ciscava e fungava na entrada da grota e o coelho fazia careta. Teve uma hora que a onça descuidou-se, o coelho jogou terra nos seus olhos e fugiu. A onça, furiosa, voltou para casa e, envergonhada, nem teve vontade de permanecer na festa. O comentário geral foi para elogiar a astúcia do coelho e a sonsice da onça.

Na vida há desses comportamentos, como da onça e do coelho. Há força e há astúcia. O povo quando vota e delega poder a outras pessoas e aos partidos, faz o papel da onça. E eles, o do coelho.

Na transposição do São Francisco, Minas e Bahia, os maiores produtores de água - somente Minas produz 74% das águas do São Francisco que chegam ao oceano - fazem o papel da onça e o ministro Ciro Gomes quer ser o coelhinho esperto. Pretende dispor de verbas para contratar empresas durante uns 15 a 20 anos, numa obra prejudicial ao país, mentindo sobre o seu real interesse e o da obra, e que não ficará por menos de 10 bilhões de dólares, segundo dados oficiais e de estudiosos.

Dever de casa: imagine outras situações do país e do mundo e veja quem são as onças que se deixam montar e, os coelhinhos espertos. Segure bem a sua bolsa. Precisamos abrir os olhos.

História baseada na fala de Thereza Vianna Martins da Costa

Expediente

JORNAL Manuelzão
Saúde, Meio Ambiente e Cidadania
UFMG

Este é o informativo do Projeto Manuelzão e de suas parcerias institucionais e sociais pela revitalização da Bacia Hidrográfica do Rio das Velhas

Coordenadores (Professores da UFMG)
Apolo Heringer Lisboa - Coordenador geral
apolohl@medicina.ufmg.br
Antônio Leite Alves
Marcus Vinicius Polignano
Antônio Thomáz Gonzaga da Mata Machado
Tarcísio Márcio Magalhães Pinheiro

Redação e Edição
Elton Antunes (MTb 4415 DRT/MG), Ana Bizzotto, Carolina Silveira, Carlos Jáuregui, Eliziane Lara e Humberto Santos

Diagramação: Procópio de Castro, Carlos Jáuregui e Carolina Silveira

Impressão: Fumarc

Tiragem: 75.000 exemplares

Fotos da capa: Ilustração de trecho da Linha Verde - Secretaria de Transportes e Obras Públicas de MG / Manifestação contra aterro (foto menor) - Humberto Santos / Festa do Rosário (foto menor) - arquivo Projeto Manuelzão

É permitida a reprodução de matérias e artigos, desde que citados a fonte e o autor. Os artigos assinados não exprimem, necessariamente, a opinião dos editores do jornal e do Projeto Manuelzão.

Envie sua contribuição para o Jornal Manuelzão:
Telefones: (31) 3248-9818 e (31) 3499-5193
jornal@manuelzao.ufmg.br
manuelzao@manuelzao.ufmg.br

jornal 32.qxd 31/8/2005 12:01 Page 3

Importância das Matas Ciliares

Maria Rita Scotti Muzzi
Professora Adjunta do Departamento de Botânica/Instituto de Ciências Biológicas/UFMG

A água da chuva que infiltra no solo forma os lençóis freáticos, alimenta as nascentes dos rios, assegurando o seu volume de água ou vazão. Ao longo do leito dos rios estão os solos férteis de beira-rio cuja vegetação nativa (mata ciliar ou ripária) é composta por espécies adaptadas à diferentes estresses ambientais. Estas áreas estão sujeitas a inundações periódicas e por isso desempenham um papel ecológico importante na interface entre os ecossistemas aquático e terrestre.

A vegetação ripária tem um papel regulador da qualidade e do volume de água desses rios seja, através da evapotranspiração ou diretamente pela regulação do sistema hídrico. Folhas, galhos e restos de raízes que retornam ao solo são transformados em húmus pela ação decompositora dos microrganismos do solo. A humificação do solo não só disponibiliza nutrientes para as plantas mas, juntamente com as raízes, favorece a agregação das partículas do solo, aumentando a retenção de água, a infiltração e a drenagem. A formação do húmus ainda propicia a retenção dos sedimentos e reduz o escoamento de poluentes e nutrientes para os rios. A vegetação ripária também fornece abrigo e proteção para peixes e macroinvertebrados, retêm sementes e fragmentos de plantas.

Uma das principais conseqüências da destruição da Mata ciliar é a redução da recarga hídrica destacadamente nas cabeceiras. Outra conseqüência é a destruição da camada humificada do solo causando erosão e conseqüente assoreamento dos rios. Seguido a esta destruição, o solo exposto ou pouco protegido sofre um processo de compactação. Nestas circunstâncias, as enchentes são destruidoras não só porque a água extravasa facilmente do leito dos rios rasos e assoreados, como também em função da deficiente drenagem no solo compactado. A perda da floresta ripária leva ao empobrecimento progressivo do solo cuja produtividade poderá ser mantida somente às custas de adubação química maciça.

Alguns autores acreditam que este processo é cumulativo, ao longo de décadas, cujo prognóstico é o declínio da diversidade das espécies vegetais e animais, terrestres e aquáticas, especialmente os peixes, prenunciando a morte do rio. Portanto, para salvar a vida dos rios urge recuperar nossas matas ciliares.

Luta por mudanças na lei florestal

Maria Dalce Ricas
Presidente da Associação Mineira de Defesa do Ambiente (Amda)

A Lei 14.309, conhecida como Lei Florestal de Minas Gerais, foi promulgada no governo Itamar Franco em 2.002. Ela veio substituir a Lei 10.561/91, que previa que até 1999, qualquer empresa consumidora de madeira ou carvão, teria de ser autônoma na produção desses insumos, através do plantio de florestas industriais ou manejo sustentável de áreas de cerrado.

Na discussão da Lei 14.309, apoiados pela então diretoria do IEF (Instituto Estadual de Florestas), o setor produtivo conseguiu inserir artigo, permitindo consumo de até 100% de carvão nativo, desde que se pague a Taxa de Reposição Florestal, devida ao órgão, em dobro. Como a mata nativa tem custo zero para elas, o desmatamento para produção de carvão aumentou assustadoramente.

Minas Gerais é o maior produtor de ferro gusa do país, e além de suprir o mercado interno, exporta para diversos países. O gusa é matéria prima básica para fabricação do aço, que chega ao consumidor nos carros, materiais cirúrgicos, equipamentos eletrônicos diversos, tratores, equipamentos agrícolas, utensílios domésticos, móveis, etc.. Se sua fabricação não obedece a princípios de sustentabilidade ambiental, tornamo-nos, enquanto consumidores, cúmplices da degradação ambiental causada pelo desmatamento.

Para mudar a Lei, a Amda lançou campanha pública, solicitando através de seu site (www.amda.org.br) o envio de mensagem à Assembléia Legislativa e ao governo do Estado. A Comissão de Meio Ambienbte da AL, decidiu pela revisão da Lei. Os deputados ficaram impressionados com os dados de consumo de carvão nativo mostrados pelo próprio IEF.

Eles demonstram que em 2004, foram consumidos 2.439.572,71 m^3 de carvão nativo "fabricado" em Minas. De Goiás, 3.548.334,58 m^3; Mato Grosso do Sul, 2.567.010,97 e da Bahia, 1.233.686,57. No entanto, boa parte do carvão que vem desses estados, são na verdade de Minas Gerais. Os desmatadores compram documentos e legalizam o carvão, conhecido jocosamente por "carvão viajante ou requentado". Os dados referem-se somente a desmatamentos autorizados, e estima-se que os clandestinos não fiquem muito abaixo disto. O volume de carvão "fabricado" em Minas Gerais, significa perda de pelo menos 800.000 ha de florestas. Juntos, os parques estaduais não perfazem esse total. Nem mesmo a Mata Atlântica, legalmente protegida pela Constituição e cada vez mais ameaçada é respeitada pelas empresas de ferro gusa. Na região do Serro, o IEF detectou nada menos que 800 pontos de desmatamento.

Mudar a Lei não será fácil e exigirá apoio da sociedade, devido à resistência de setores econômicos que não têm compromisso com o futuro.

Manifestações

Rio São Francisco

"Velho Chico, velho Chico
Orgulho desta nação
Tão querendo te apunhalar
No fundo do coração
(...)
Querem transpor suas águas
Um crime contra a nação
Pois não vai matar a sede
Do povo lá do sertão
(...)
Esta tal transposição
Para nada não serve não.
Só servem para os coronéis
Fazerem irrigação.
(...)
É com lágrimas nos olhos
Que imploro a nação,
Vamos todos nos unir
E defender o velho rio, Chicão!"
(...)

Luiz Ferreira Rodrigues
Contagem

Confira o poema na íntegra em nosso site.

O meio ambiente

"_ Que tronco bom para fazer um balanço lá para casa, só essa árvore não vai fazer diferença para o mundo.

Se todos pensassem assim sabe o que iria acontecer?

Nossas águas iriam secar, não haveria mais as cachoeiras, o mar viraria um imenso depósito de sal, o pouco das matas que restariam perderiam o verde e ficaria tudo cinza; a terra ficaria infértil, os humanos morreriam de sede e fome, a terra perderia a vida, as cores e ficaria seca como os outros planetas.

Então é melhor ficar sem o banco de sua varanda e deixar a árvore lá, fazendo seu papel na terra."

Diego Santos Filho - 7ª série
São José do Almeida

Este é apenas um dos textos dos estudantes da E. E. Dr. Eduardo Góes Filho. Confira os demais em nosso site.

O Projeto Manuelzão recebe cartas, músicas, poesias e mensagens eletrônicas de vários colaboradores. Nesta coluna, você confere trechos de algumas dessas correspondências. Envie também sua contribuição. Participe do nosso Jornal!

jornal 32.qxd 31/8/2005 12:01 Page 4

Trilhas do Velhas

Biomonitoramento do Rio das Velhas

Monitoramento de peixes e bentos aponta trechos degradados e preservados da bacia

FREDERICO TAVARES E SILVIA DALBEN
Estudantes de Comunicação Social da UFMG

Foto: Carolina Silveira

Foto: Arquivo Projeto

Foto: Marco Antônio Pessoa

Acima, as fotos mostram da esquerda para a direita as nascentes do Velhas, a região metropolitana (trecho mais poluído e com menor diversidade de espécies) e o Velhas em seu trecho final, próximo à foz no São Francisco. O mapa mostra os pontos de coleta de bentos ao longo da bacia do Velhas

Monitorar a vida para avaliar as condições do Rio das Velhas. Com esse intuito, uma equipe do Projeto Manuelzão que conta com sete biólogos e quatro alunos de graduação realiza o biomonitoramento do Velhas e analisa os seres vivos que habitam as águas da bacia. O Projeto conta com um núcleo para sediar as pesquisas: o Núcleo Transdisciplinar e Transinstitucional pela Revitalização da Bacia do Rio das Velhas (Nuvelhas), sediado no Campus Pampulha da UFMG.

O biomonitoramento apresenta dados de vários pontos da bacia e permite detectar se os programas realizados para sua recuperação geram os resultados esperados. A análise é dividida em dois tipos de bioindicadores. Uma parte analisa os peixes e a outra os bentos, organismos que vivem no fundo do rio, afixados na areia, em rochas ou em galhos. Também são analisados alguns parâmetros físico-químicos, como temperatura, pH, oxigênio dissolvido, fatores essenciais para a vida de algumas espécies.

O BIOMONITORAMENTO DE PEIXES consiste na comparação dos resultados de coletas feitas ao longo do percurso de um rio e seus afluentes. Redes são posicionadas em locais estratégicos e avalia-se a quantidade de peixes e a diversidade de espécies nessas regiões. A coleta deve ser feita nos mesmos locais e com os mesmos critérios, para que se tenha sucesso na comparação.

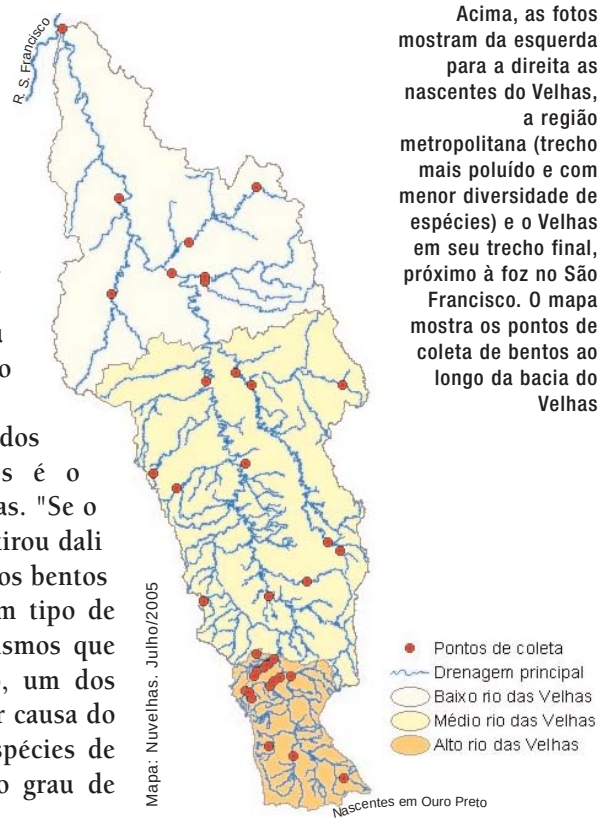
Devido ao alto custo, apenas uma amostragem foi feita em 1999. Nessa oportunidade, foram feitas coletas em seis locais do Velhas. A intenção dos pesquisadores é realizar essas coletas a cada cinco anos, sendo que há previsão para uma segunda coleta no final deste ano, caso sejam liberados recursos.

Normalmente, a quantidade de peixes de um rio aumenta à medida que se aproxima da foz. No Rio das Velhas, entretanto, o aumento não é contínuo. Com a grande quantidade de esgoto lançado na região metropolitana de Belo Horizonte, a diversidade e o número de peixes no local são muito baixos. "O esgoto aumenta a quantidade de matéria orgânica na água e isso gera a proliferação de bactérias, que consomem o oxigênio dissolvido, reduzindo o número de peixes", explica Paulo Pompeu, um dos responsáveis pelo monitoramento de peixes.

A expectativa para o resultado da próxima coleta é de melhora na quantidade de peixes, pois a estação de tratamento de esgoto do Ribeirão Arrudas reduz em 30% o lançamento de matéria orgânica na água. "A própria população ribeirinha já nota melhorias, sendo que a água está mais clara e o mau cheiro vem diminuindo", conta Paulo.

O BIOMONITORMANTO DE BENTOS é realizado desde 2003 e a coleta de organismos é feita em 37 pontos da bacia do Velhas. Oito desses pontos são considerados referência por estarem localizados em regiões preservadas. As coletas de organismos são feitas a cada três meses, mas os resultados não são imediatos e algumas amostras demoram de dois a três meses para serem processadas. Por causa disso, ainda não existem resultados que apresentem melhora ou piora da situação do rio, e é preciso mais um ano de coleta para se chegar a dados mais concretos.

Mas os pesquisadores já perceberam que um dos fatores que afeta a diversidade dos bentos é o assoreamento presente em todo o curso do Velhas. "Se o leito do rio já está todo coberto por areia, você tirou dali vários habitats, como pedras e galhos, onde outros bentos estariam vivendo. No leito assoreado, só há um tipo de habitat, a areia, e você encontra apenas organismos que vivem nesse ambiente", explica Pablo Moreno, um dos responsáveis pelo monitoramento de bentos. Por causa do assoreamento, todo o leito do rio apresenta espécies de bentos muito parecidas, independentemente do grau de poluição dos locais de coleta.



Pior e melhor trecho da bacia

As piores condições do Rio das Velhas são encontradas entre o alto e o médio curso do rio, no trecho próximo à Região Metropolitana de Belo Horizonte. As características são a baixa concentração de oxigênio dissolvido, a alta concentração de coliformes fecais e de materiais suspensos, além de baixa riqueza e diversidade de espécies. Foram encontrados nessa região apenas organismos tolerantes à poluição.

As condições começam a melhorar ao longo do médio curso, com o encontro de afluentes preservados, e o principal responsável por isso é o Rio Cipó, localizado próximo ao município de Santo Hipólito. O Rio Cipó é rico em oxigênio dissolvido, tem baixo teor de sólidos e coliformes fecais e é o rio que apresenta a maior quantidade de espécies de peixes na bacia do Velhas. Ele é uma das esperanças para a recuperação do Velhas, como um berçário para o repovoamento de peixes do curso. "Não seria necessário fazer peixamento, visto que os afluentes desse rio ainda possuem muitos peixes, principalmente o Cipó. Com a melhoria da qualidade da água, os peixes do Velhas voltariam naturalmente", afirma Paulo Pompeu.

jornal 32.qxd 31/8/2005 12:02 Page 5

Novos rumos para os comitês

Carlos Jáuregui e Carolina Silveira
Estudantes de Comunicação Social da UFMG

Vamos perder autonomia? O que acontecerá com aqueles que não conseguirem atender às condições de um subcomitê? Os Comitês Manuelzão deixarão de existir? Foram muitas as dúvidas levantadas no 6º encontro de Comitês Manuelzão, que aconteceu nos dias 25 e 26 de junho no Sesc-Venda Nova, em Belo Horizonte. Cerca de 200 pessoas participaram do intenso debate sobre a criação dos subcomitês de bacia hidrográfica.

O trabalho do Projeto Manuelzão sempre teve por base a articulação de organismos locais, compostos por diversos setores da sociedade nos chamados Comitês Manuelzão. Em agosto de 2004, o CBH-Velhas (Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio das Velhas) instituiu uma deliberação normativa estabelecendo critérios para a criação de subcomitês de bacia hidrográfica. Desde então foi lançada a discussão: os Comitês Manuelzão devem ou não se transformar em subcomitês do CBH-Velhas?

Uma das definições do 6º encontro foi a de que o Projeto Manuelzão, em todas as suas instâncias de organização, apoiará a criação dos subcomitês. Os subcomitês serão vinculados ao CBH-Velhas e precisam contar com a representação dos três segmentos: poder público, sociedade civil e usuários, dentre outros critérios que caracterizam sua institucionalização. Marcus Polignano, um dos coordenadores do Projeto Manuelzão, ressaltou que os atuais comitês Manuelzão não deixarão de existir com a criação dos subcomitês. Será um processo gradual que será acompanhado junto com os comitês, transformando nossa história.

Foto: Carolina Silveira

Os participantes do encontro debateram em grupos as questões relativas aos subcomitês. Também foi o momento de tirar dúvidas

Atenção para os nomes

Os Comitês Manuelzão passarão a denominar-se Projeto Manuelzão/(nome da sub-bacia) ou poderão utilizar a denominação "Núcleos Manuelzão", seguida do nome da sub-bacia ou do local. Recentemente o nome comitê passou a gerar confusões, já que se trata de um termo previsto em lei para designar os Comitês de Bacia Hidrográfica, órgãos públicos que fazem parte do Sistema Estadual e Nacional de Gerenciamento dos Recursos Hídricos.

Subcomitês

Os subcomitês devem colaborar com as atividades do CBH-Velhas de forma consultiva e propositiva, mas não podem deliberar, ou seja, não podem decidir sobre questões da bacia. A deliberação normativa também não especifica a origem dos grupos que podem se tornar subcomitês. O histórico dos Comitês Manuelzão é que faz deles grupos potenciais.

Afluentes do Velhas recebem caiaqueiros

Carolina Silveira
Estudante de Comunicação Social da UFMG

A expedição da nascente à foz do Rio das Velhas organizada pelo Projeto Manuelzão em 2003 continua motivando novos trabalhos. Agora, a proposta é descer os afluentes do Velhas. A primeira experiência foi no rio Itabirito, no município de mesmo nome, região do alto Velhas, no dia 3 de julho. Mais do que promover a prática de um esporte, o objetivo das navegações é fazer com que as pessoas voltem o olhar para o rio.

"As pessoas nem percebem que o rio tem muitas utilidades e acham que serve só para levar lixo e esgoto", comenta o caiaqueiro Rafael Bernardes, que participou da expedição em 2003. Assim, além de todo o treinamento que é necessário para enfrentar os obstáculos naturais de um rio, em muitos casos, os caiaqueiros precisam de uma dose extra de coragem em função da grande quantidade de lixo e esgoto presente na água.

Um dos primeiros passos para reverter o cenário de degradação é conhecer a realidade da sub-bacia. As navegações contribuem para o reconhecimento das áreas, por ser um momento propício para o registro em vídeo e foto dos cenários percorridos. A mobilização em torno das navegações favorece ainda a integração das comunidades situadas ao longo dos rios.

A próxima descida ocorrerá no rio Taquaraçu, no final de setembro, com duração prevista de quatro a cinco dias. O Taquaraçu percorre as cidades de Caeté, Nova União, Taquaraçu de Minas e Santa Luzia. Para setembro, também está prevista a descida de um trecho do rio Cipó.

Foto: Carolina Silveira

Durante a descida do rio Itabirito, os caiaquieros pararam para conversar com os caminhantes

As belezas e a degradação do Rio Itabirito foram registradas em vídeo e foto por quatro caiaqueiros que percorreram cerca de 15 quilômetros do curso d'água. A descida foi feita por Rafael Bernardes, Ronald de Carvalho Guerra, seu filho Ariel Guerra, de 11 anos e o cinegrafista Rodrigo de Angelis. Paralelo à descida, moradores da cidade e membros do Projeto Manuelzão seguiram a pé por 10 quilômetros pela antiga linha férrea, que margeia o Itabirito.

O evento foi organizado pela Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável de Itabirito em parceria com o Projeto Manuelzão. Rafael conta que foi possível observar a transformação gradual do rio à medida em que ele corta a cidade. O esgoto dos 40.000 habitantes do município é completamente despejado no curso d'água.

O coordenador da educação ambiental da Secretaria de Meio Ambiente de Itabirito, Genário Magela Silva, espera que o material registrado permita comparar as condições atuais do rio com as que se espera dele um dia. Segundo ele, a prefeitura já tem um projeto de construção de uma Estação de Tratamento de Esgoto (ETE), que está sendo revisto para se adequar ao Plano Diretor da cidade, que deve ser elaborado até o final deste ano.

jornal 32.qxd 31/8/2005 12:02 Page 6

Caminhos do mundo

Agenda 21 em construção

Bruna Saniele e Gracielle Fonseca
Estudantes de Comunicação Social da UFMG

Transformar o ideal de sustentabilidade em planos de ação concretos, é o que propõe a Agenda 21 global. Esse instrumento é um tratado assinado por 179 países em 1992 na conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento (ECO-92).

A Agenda 21 global deve servir de matriz para a construção das agendas nacionais, estaduais e municipais. No caso do Brasil, a agenda nacional possui seis eixos principais; dentre eles, agricultura sustentável, infra-estrutura e integração regional. As questões da Agenda 21 brasileira devem servir de referência para o governo na definição de prioridades das políticas públicas.

A implantação das agendas é feita por meio de grupos de trabalho, responsáveis pela elaboração de projetos e mobilização da sociedade. O Projeto Manuelzão é um exemplo prático desse trabalho na dimensão de uma bacia hidrográfica.

A discussão e definição dos projetos prioritários cabe aos fóruns, que deverão ter papel deliberativo sobre as políticas públicas relacionadas à sustentabilidade. Os fóruns, porém, não substituirão a ação governamental, pois as decisões serão tomadas em conjunto com o governo, que participa do fórum através dos ministérios.

Em Minas Gerais, o projeto de formalização do Fórum está em tramitação na Assembléia Legislativa. O Crea-MG (Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura) é, atualmente, a secretaria executiva do Fórum provisório, que conta com a participação de 282 instituições, como igrejas, institutos de pesquisa científica e ONGs.

Para o Projeto Manuelzão, a implantação da Agenda 21 está crítica, sem liderança operacional, com o poder governamental e o empresariado ausentes.

Mapa: Nuvelhas/2005

Bacia Hidrográfica do Velhas sobreposta à divisão municipal: limites naturais deveriam ser considerados na definição das políticas públicas

Tradicionalmente, a implantação de agendas locais é feita por municípios, apesar da Agenda 21 não restringir outras alternativas territoriais de implantação local. Para Tarcísio Pinheiro, um dos coordenadores do Projeto Manuelzão, entretanto, as bacias hidrográficas deveriam ser as unidades de planejamento e gestão. Por exemplo, se apenas um município praticar a despoluição das águas como prioridade, e os outros não, todo o curso d'água será prejudicado. Portanto, a bacia permitiria um planejamento integrado, coerente com os limites ambientais.

Já o engenheiro Odair Santos Júnior, membro da secretaria provisória da Comissão de Elaboração da Agenda 21, defende a construção das agendas 21 a partir dos municípios, pois esses detêm as atribuições administrativas para deliberar sobre os diversos recursos e políticas. Segundo Odair, isso se faz necessário por não haver um órgão legal que seja apto a definir políticas para as diversas áreas da administração pública no âmbito das bacias.

Reedição de Atlas registra biodiversidade

Aline Gonçalves e Frederico Machado
Estudantes de Comunicação Social da UFMG

Minas Gerais impressiona por sua diversidade biológica. Fragmentos do Cerrado, Caatinga e Mata Atlântica podem ser encontrados neste estado e informações sobre esses biomas são fundamentais para sua preservação. E essas informações podem ser encontradas na publicação *Biodiversidade em Minas Gerais: Um atlas para sua conservação*, que teve sua segunda edição lançada no último dia 9 de junho.

O Atlas contém os mapas com as regiões prioritárias para a conservação da biodiversidade. Há também, análises da atuação dos órgãos e das políticas ambientais do estado, bem como a eleição das áreas prioritárias para a investigação científica (áreas deficientes em informações, mas que podem possuir uma biodiversidade rica).

A nova edição é realização das ONGs Fundação Biodiversitas e Conservação Internacional, em parceria com a Secretaria de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável de MG, seus órgãos executivos e o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama). O patrocínio ficou a cargo da Companhia Vale do Rio Doce.

O Atlas orienta a distribuição dos recursos para ações de proteção da biodiversidade, como a criação de Unidades de Conservação (UCs), áreas especiais para a preservação ambiental. Reconhecendo a importância da primeira edição, o Conselho Estadual de Política Ambiental (COPAM) aprovou, em 13 de junho de 2002, a deliberação normativa 55. Essa deliberação estabelece que as normas, diretrizes e critérios para a conservação da biodiversidade em Minas devem ser baseados no Atlas. O gerente do Centro de Dados para a Conservação da Biodiversidade da Fundação Biodiversitas,

Imagem: Fundação Biodiversitas

Capa do atlas: nova edição traz medidas para o desenvolvimento sustentável em MG

Cássio Soares, explica que, dessa forma, "pode-se evitar que se façam empreendimentos em áreas consideradas prioritárias para a conservação sem que se tomem as medidas legais para que essa região sofra o mínimo de impacto".

O método de trabalho para a reedição do Atlas envolveu cerca de 200 pesquisadores de 56 instituições. Esses especialistas trabalharam em grupos temáticos que abordaram temas como aves e peixes, o que favoreceu a obtenção de resultados mais específicos. Foi realizado, ainda, levantamento sobre fatores não biológicos, como indicadores sócio-econômicos das regiões.

Segundo Cássio, a necessidade de uma reedição do Atlas surgiu devido à evolução das pesquisas ambientais e também às mudanças biológicas das regiões estudadas (como o maior processo de degradação). Além disso, a nova edição traz temas importantes que não haviam sido abordados, como a análise de experiências de desenvolvimento sustentável no estado e os indicadores ambientais das áreas prioritárias.

Mais informações: Fundação Biodiversitas. Telefone: (31) 3219-1300.

jornal 32.qxd 31/8/2005 12:02 Page 7

"As veredas são sempre belas"

Bruna Saniele e Verônica Soares
Estudantes de Comunicação Social da UFMG

"São vales de chão argiloso ou turfo-argiloso, onde aflora a água absorvida. Nas veredas, há sempre o buriti. De longe, a gente avista os buritis, e já sabe: lá se encontra água. A vereda é um oásis. Em relação às chapadas, elas são, as veredas, de belo verde-claro, aprazível, macio. O capim é verdinho-claro, bom. As veredas são férteis. Cheias de animais, de pássaros." Assim descrevia João Guimarães Rosa a beleza dessa paisagem, onde a água brota em meio à aridez do cerrado, por entre as chapadas. As descrições eram feitas em correspondência ao seu tradutor Edoardo Bizzari.

Vereda é o nome dado a um ecossistema próprio do cerrado que aparece em locais com condições de umidade permanente e presença das palmeiras Buritis. Esse ecossistema é muito importante por ser uma fonte de água a céu aberto para o abrigo da fauna em meio a extensas chapadas cobertas de cerrado. Também são fonte de alimentação e local de reprodução para a fauna terrestre e aquática. São suas nascentes que mantêm perenes os cursos d'água na estação seca. Na bacia do Velhas, as veredas estão presentes no médio e baixo curso do rio, sobretudo na região de Curvelo e da Serra do Cabral, situada entre os municípios de Buenópolis e Lassance.

"A vereda tem um 'Q' de majestade. O mosaico veredas e cerrados que existia há menos de 40 anos em Minas, que hoje está em extinção, é de uma beleza extraordinária", fala a geógrafa Dirce Ribeiro de Melo, que baseou sua tese de mestrado nas veredas presentes nos planaltos do noroeste mineiro. Com emoção, Dirce, descreve o ambiente das veredas: "a sonoridade, numa vereda, em meio ao cerrado, é linda, cheia de pássaros cantando, maritacas emitindo sons, é confortante."

A preservação das veredas na região de Minas Gerais, já se mostra presente na legislação estadual. As Leis 9.372 e 9.375/86 prevêem formas de preservação das Veredas existentes no vale do rio São Francisco. A lei proíbe nas veredas e em suas faixas de proteção laterais drenagem, aterros, desmatamentos, uso de fogo, caça, pesca, atividades agrícolas e industriais, loteamentos e outras formas de ocupação humana que possam causar desequilíbrio ao ecossistema. De acordo com informações do IEF (Instituto Estadual de Florestas) grande parte da devastação das veredas ocorreu nas décadas de 1970 e 1980, em decorrência do impacto das empresas de reflorestamento.

A origem do nome

Vereda, do masculino *Veredus*, significa, no latim, cavalo de posta: o cavalo que permitia aos mensageiros levar e trazer cartas e avisos. O estreito caminho que era percorrido por tais cavalos passou a ser chamado, também, de *Veredus*. E, mais tarde, a paisagem cortada pelos caminhos ficou conhecida como Vereda.

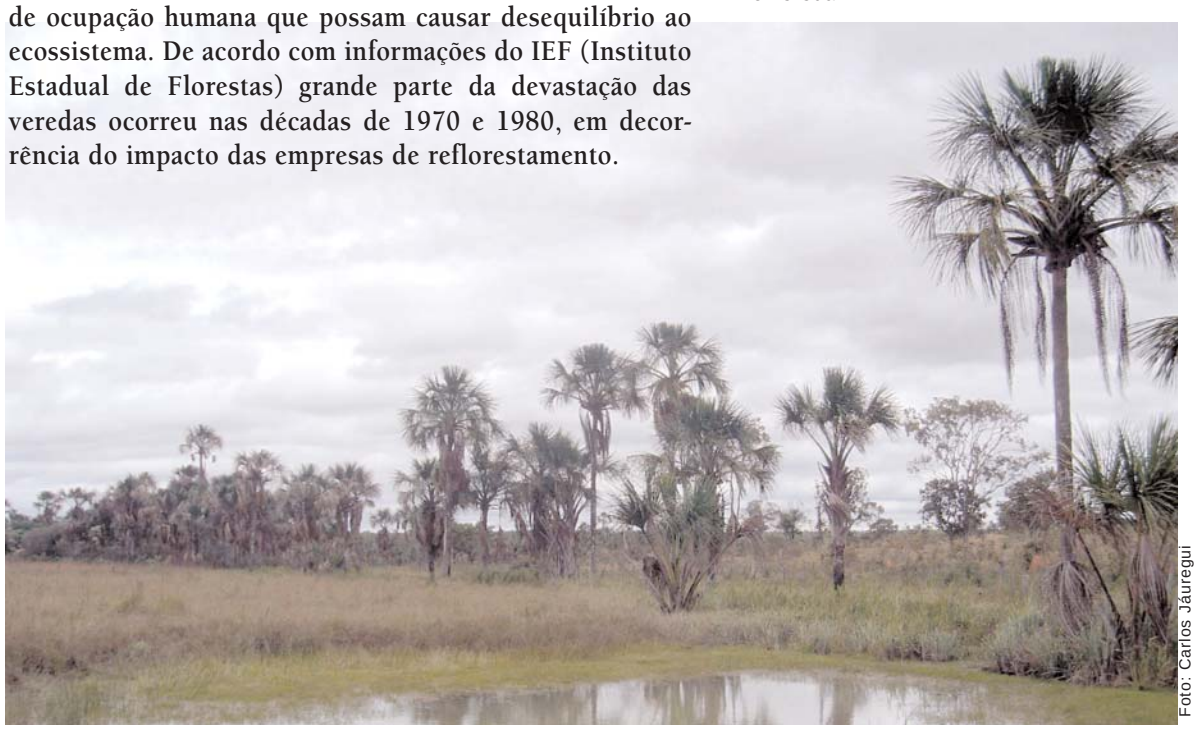


Foto: Carlos Jáuregui

Vereda em Curvelo: a imponência dos buritis pode surpreender quem vê uma vereda pela primeira vez

Consumo consciente é aliado da preservação

Ione Nascimento e Lilian Souza
Estudantes de Comunicação Social da UFMG

O que você faz com a garrafa pet, depois de tomar refrigerante? Quantas descargas você dá no vaso sanitário, por dia? Você divide o carro com outros cinco conhecidos? Pode parecer que essas perguntas não possuem conexão, mas elas estão relacionadas ao estilo de vida de cada um e à influência desse comportamento sobre a natureza.

Se você reaproveita ou recicla o pet, economiza água e energia, evita o desperdício, dentre outras coisas, você é um consumidor consciente, que se preocupa com as conseqüências de suas ações sobre o meio ambiente, a economia e a sociedade. As atitudes desse consumidor são complexas e vão além da simples reutilização do copo de requeijão, envolvem novas posturas. A reutilização e a reciclagem são fundamentais, mas é preciso atenção já no ato da compra.

A integrante da Ong Centro de Ecologia Integral, Maria Iracema Gomes, separa todo o seu lixo e encaminha para reciclagem. O isopor utilizado por ela é levado para uma mercearia para ser reaproveitado em embalagens. Ela fica atenta aos gastos com energia e água. Essa preocupação gerou brigas em casa com a sobrinha que ficava 40 minutos no banho. Maria Iracema também reduziu o consumo e a geração de resíduos, não desperdiçando alimentos. Além disso, ela doa objetos que não utiliza.

Mas, para Maria, algumas medidas como dividir o carro são difíceis de se adotar no Brasil. "Nós somos muito individualistas. Não compraria carro com cinco pessoas, pois é difícil confiar nos outros, por causa dos roubos, da corrupção", afirma. Ela ressalta que o transporte urbano brasileiro é muito ruim, o que a obriga a fazer o uso do carro.

Maria Iracema acredita que a preocupação dos consumidores em relação à conseqüência de seus atos tem crescido de maneira lenta, mas gradual: "ainda é uma parcela muito pequena da população. Há que se investir muito na conscientização de hábitos e atitudes. A educação para o consumo consciente deveria fazer parte do currículo de todas as escolas".

Para além da casa

O consumo consciente não deve se restringir ao ambiente doméstico. Segundo o engenheiro civil, Odair Santos, a proposta também deveria ser aplicada em construções. "Estima-se que 30% do material utilizado em construções seja desperdiçado. É como se, ao construirmos três casas iguais, pudéssemos construir uma outra apenas com o material desperdiçado", afirma o engenheiro.

Odair também sugere que o consumo consciente seja considerado na definição das políticas públicas. Para ele, essas medidas evitariam a utilização desnecessária de recursos ambientais.

jornal 32.qxd 31/8/2005 12:03 Page 8

O assunto é

As armadilhas do curto prazo

Lixo e transporte: BH enfrenta desafios comuns às metrópoles que cresceram de forma desordenada, mas obras rápidas podem não ser solução para questões urgentes

Imagem: Sec. de Transportes e Obras Públicas de MG

Ilustração de trecho da Linha Verde: novas vias como opção para o trânsito?

Foto: Humberto Santos

Aterro próximo de seu limite: moradores não querem mais esse vizinho

Aumento da vida útil do aterro de BH é motivo de polêmica

CARLOS JÁUREGUI E HUMBERTO SANTOS
Estudantes de Comunicação Social da UFMG

Em meio a protestos de moradores dos bairros vizinhos à Central de Tratamento de Resíduos Sólidos (CTRS) de Belo Horizonte (aterro sanitário da BR-040), a SLU (Superintendência de Limpeza Urbana de Belo Horizonte) pretende ampliar a vida útil do aterro. O projeto prevê uma elevação de cinco metros em sua altura limite de 930 metros acima do nível do mar (a altitude média de BH é de 858 m) e o preenchimento do espaço entre os maciços de lixo.

"Isso daria uma perspectiva de utilização até julho de 2009. Esse projeto já foi concluído e está em análise pela Feam", explica a superintendente da SLU, Sinara Chenna. O aterro já havia obtido licença de operação até 2009, que, no entanto, foi revista para o dezembro de 2005, quando sua cota limite provavelmente será atingida.

De acordo com Sinara, a medida tem o objetivo de resolver, no curto prazo, a destinação para o lixo da cidade, já que a licitação para a instalação de um novo aterro, lançada em 2002, foi suspensa devido a questionamentos sobre sua legalidade. O novo aterro teria de ser instalado na região metropolitana a uma distância de no máximo 25 km do centro da capital mineira.

Prolongar a vida útil do aterro encontra, entretanto, resistência na comunidade do entorno do aterro, que no dia 16 de julho, realizou uma manifestação contra o aumento do tempo de utilização do CTRS. Com faixas, palavras de ordem e máscaras cirúrgicas - fazendo alusão ao mau cheiro em suas residências - os manifestantes dificultaram, em vários momentos, a entrada de caminhões na Central. Mais de 800 pessoas assinaram a lista de presença, de acordo com os organizadores do "Movimento Muda Aterro - BR 040". Segundo Mônica Costa Chaves, advogada do movimento que reúne lideranças locais, os moradores querem que o aterro seja fechado até dezembro deste ano.

Paulo Laporte, morador do Conjunto Califórnia I há 18 anos, conta que a comunidade convive com um medo constante de que algum acidente aconteça. "Esse aterro pode derrapar, escorrer em relação à Vila Califórnia, em relação ao Pindorama", diz Paulo, que teme a possibilidade de milhares de mortes num eventual acidente. A superintendente da SLU, por outro lado, garante a segurança do aterro: "não há indícios de que o aterro esteja ruindo, rompendo. Não há nenhum processo não controlado de rachadura, fissura. Nem mesmo no estudo mais recente também entregue à Feam (Fundação Estadual do Meio Ambiente) em janeiro de 2005". Segundo ela, a análise da equipe da SLU possibilitaria a ampliação do aterro.

Além dos riscos de acidente, o mau cheiro e a poeira são outras reclamações constantes dos moradores. "Eles dizem que acabou o mau cheiro. É uma inverdade. Eles não percebem: o vento leva esse mau cheiro para as casas", afirma a moradora do Conjunto Califórnia II, Cecília Maria Correa, que tolera o aterro há 21 anos. "As autoridades dizem que não acontece, mas eles não moram aqui", completa.

Para Alessandro Otávio, 19 anos, que vive na Vila Califórnia desde que nasceu, o principal problema causado pelo aterro são as "doenças respiratórias". Dona Cecília detalha: "a gente tem observado um grande número de moradores com incidência de bronquite, sinusite, rinite", diz a moradora que participa da comissão de saúde local. Contudo, o processo sobre o aterro que está na Feam mostra que não foi registrado um número anormal de ocorrências de doenças respiratórias nos postos de saúde da região.

Alternativas

Novos aterros

A superintendente afirma que estão sendo realizados estudos para apontar áreas na região metropolitana onde poderiam ser implantados novos aterros. A partir da pesquisa, a prefeitura optaria pela implantação de um ou mais aterros, operados por ela mesma ou por uma empresa contratada. "A dificuldade é que ninguém, de cidade nenhuma, quer um cemitério, uma cadeia ou um aterro sanitário perto de sua casa", afirma. Os moradores do Conjunto Califórnia estão até protestando.

Coleta seletiva

Outras alternativas para a destinação do lixo, como reciclagem de materiais, já vêm sendo estudadas. No entanto, de acordo com Sinara, esse procedimento é dificultado devido à falta de recursos da prefeitura. "A prefeitura não tem condição de implantar uma coleta seletiva em toda a cidade num curto espaço de tempo. Já foi viabilizada a implantação da coleta seletiva porta-a-porta em aproximadamente 50 bairros da região centro-sul, numa região comercial do Barreiro e da região oeste, Gutierrez, e na Cidade Nova", declara Sinara. São depositadas no aterro cerca de quatro mil toneladas de lixo diariamente. Entretanto, até o fechamento desta edição, a SLU não soube informar quanto desse montante tem potencial de ser reciclado.

jornal 32.qxd 31/8/2005 12:03 Page 9

O assunto é

Para onde levam os caminhos da Linha Verde

ANA BIZZOTTO E ELIZIANE LARA
Estudantes de Comunicação Social da UFMG

Um corredor de acesso rápido que liga Belo Horizonte ao Aeroporto Internacional Tancredo Neves, em Confins. Esse é o objetivo do projeto Linha Verde, que fará intervenções em três frentes: duplicação e restauração da rodovia MG-010, construção de viadutos e trincheiras na avenida Cristiano Machado e cobertura de parte do Ribeirão Arrudas.

O próprio nome do projeto, uma referência ao sinal verde aberto para os veículos, perpetua uma concepção que estrutura a cidade sob a lógica do carro particular. O membro da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), Derly da Silva, lança a pergunta: "por que não foi feito um projeto viário de transporte coletivo para atender a população?" Por mais que os usuários de ônibus sejam beneficiados com a obra, a Linha Verde é uma solução de curto prazo, pois o número de veículos circulando na cidade é crescente. O engenheiro assessor de meio ambiente da Secretaria de Estado de Transportes e Obras Públicas (Setop), Leomar de Azevedo, afirma que "no Brasil adotamos a solução mais barata. O ideal é o metrô, mas é muito mais caro". Para se ter uma idéia, o metrô de BH entrou em operação em 1986 e até hoje tem apenas 22,5 km em pleno funcionamento. A previsão é de que sejam gastos mais de 1,5 bilhão de dólares para concluir o projeto. Entretanto, para Derly, a vontade do poder público é capaz de fazer diferença: "uma obra que custa R$ 270 milhões será entregue em um ano. Quantas obras estão inacabadas?"

Orçada em R$ 270 milhões, a obra já tem os recursos assegurados pelo governo do estado. A previsão é de que os trabalhos comecem em setembro de 2005 e sejam concluídos em um ano. De acordo com a Setop, a MG-010 deve estar duplicada até abril de 2006, quando BH sediará a reunião do BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento).

Imagem: Secretaria de Transportes e Obras Públicas de MG

Ilustração mostra como ficará Bulevar Arrudas com a cobertura do Ribeirão

O RIBEIRÃO ARRUDAS FOI canalizado em 1982 e com o lançamento de lixo e esgoto em suas águas tornou-se uma referência negativa de Belo Horizonte. Para o secretário municipal de política urbana e ambiental, Murilo Valadares, "a possibilidade desse rio voltar a ser um rio ao natural, na nossa existência, é impossível".

De acordo com o projeto da Linha Verde, o trecho de 1,5 km do ribeirão, entre a alameda Ezequiel Dias e a rua Rio de Janeiro, será coberto e dará lugar ao Bulevar Arrudas. Com essa intervenção serão alargadas as pistas de rolamento e as calçadas da Avenida dos Andradas. Para justificar o nome Bulevar - avenida arborizada - o projeto prevê o plantio de grama e azaléias em alguns trechos do canteiro central. Também serão plantadas árvores ao longo das calçadas e a praça Rui Barbosa terá seu traçado original recuperado.

Além do impacto simbólico gerado pela cobertura do curso d'água, o que se questiona é o risco de inundação. Num parecer técnico sobre a obra, emitido em maio deste ano, o Grupo Gerencial do Plano Diretor de Drenagem aponta o "aumento do risco de inundação no trecho situado imediatamente à montante [que antecede]" do Bulevar. Entretanto, com base em dados de 1982, o estudo de impacto ambiental do Bulevar afirma que "as intervenções previstas no projeto do Bulevar Arrudas não influenciam a capacidade hidráulica do canal, portanto, não alteram os riscos atuais de inundações". Para o mobilizador do Projeto Manuelzão, Rogério Sepúlveda, o problema das enchentes no Arrudas está mais ligado à impermeabilização que a cidade vem sofrendo desde a década de 1980 do que ao tamponamento do canal. Rogério alerta que em relação à impermeabilização nenhuma providência tem sido tomada.

MAIS DA METADE DOS RECURSOS previstos para a Linha Verde se destinam às intervenções na avenida Cristiano Machado, região Norte de BH. São cinco viadutos, uma trincheira, um trevo e uma rotatória, que somados a pequenos ajustes na pista consumirão R$140 milhões. Desse montante, R$20 milhões serão destinados à remoção de cerca de 800 famílias que moram na região.

Além das remoções, outro ponto polêmico das obras na Cristiano Machado é a construção de um viaduto de mais de 400 metros sobre a rua Jacuí e a avenida Silviano Brandão (foto capa). Para o mobilizador do Projeto Manuelzão essa é "uma solução simplista" e que gera um grande impacto visual. Segundo ele, seria mais adequado construir um viaduto menor e uma trincheira. Além da poluição visual, os viadutos podem gerar queda nas vendas do comércio local.

O Projeto Manuelzão se posicionou sobre as obras da Linha Verde em manifesto entitulado *Linha Azul*. O documento chama a atenção para o fato de que o poder público e os empresários invistam na Linha Azul com a mesma determinação, agilidade e publicidade com que se deu o lançamento da Linha Verde. A proposta da Linha Azul pode ser acessada no site do Projeto Manuelzão.

Rodovia MG - 010

Imagem: Secretaria de Transportes e Obras Públicas de MG

Ilustração mostra como ficará trecho da MG -010 para retorno dos veículos

O Conselho de Política Ambiental (Copam) já concedeu a licença de Instalação para as obras em 22,1 km da MG-010. De acordo com o paleontólogo e presidente da Câmara de Infra-estrutura do Copam, Cástor Cartelle, "ambientalmente, a obra de duplicação não tem influência, é até bom que seja feita para aumentar a segurança na estrada, já que parte dela está duplicada e outra não". Para Cástor, o Brasil não pode se dar ao luxo de ter um aeroporto como o de Confins subutilizado, o que justifica as obras. Entretanto, o paleontólogo alerta para o risco de que a Linha Verde intensifique a ocupação desordenada nas margens da rodovia.

Uma solução para tentar minimizar os impactos ambientais na região da MG-010 é fazer o licenciamento ambiental corretivo do aeroporto e de seu entorno. De acordo com Cástor, a Feam (Fundação Estadual do Meio Ambiente) já entrou em contato com a Infraero (Empresa Brasileira de Infra-estrutura Aeroportuária) para viabilizar o processo de licenciamento.

O aeroporto fica localizado dentro da Apa Carste de Lagoa Santa (Área de Proteção Ambiental), uma região de grande importância arqueológica. Entretanto, não foram feitos o Estudo de Impacto Ambiental (EIA) da obra nem o plano de manejo do aeroporto. "Não sabemos o que foi aterrado porque não se conhecia aquela região", conta o paleontólogo. O aeroporto de Confins foi construído de 1979 a 1983, quando o Brasil vivia sob o regime da ditadura militar e não havia a exigência de realização do EIA.

jornal 32.qxd 31/8/2005 12:03 Page 10

Cuidar

Internato: desafio da saúde coletiva

Atividades de estudantes acabam, muitas vezes, se concentrando em consultórios

ELIZIANE LARA E HUMBERTO SANTOS
Estudantes de Comunicação Social da UFMG

A proposta já está presente no nome: *Internato em Saúde Coletiva*. Mais conhecida como Internato Rural, a atividade procura oferecer aos estudantes do 11º período do curso de medicina da UFMG a oportunidade de trabalhar um novo conceito de saúde que não significa apenas não estar doente, mas ter qualidade de vida. Entretanto, não é tarefa simples implementar essa proposta, pois ela exige que o médico conheça a realidade do paciente, participe de ações preventivas e se envolva com questões que podem ir desde a coleta de lixo ao planejamento em saúde.

Para o professor do Internato e um dos coordenadores do Projeto Manuelzão, Antônio Leite, um dos maiores problemas enfrentados pela disciplina é que muitas vezes os alunos são vistos como um reforço de mão-de-obra. Dessa forma, eles se dedicam muito às atividades assistenciais e não trabalham a saúde coletiva como deveriam.

A secretária municipal de saúde de Lassance, Márcia Borges, afirma que os estudantes são uma "mão na roda". Ela explica que a cidade, localizada no baixo Velhas, "é pequena e desprovida de recursos", por isso, não atrai profissionais de nível superior e os estudantes acabam sendo um meio para desafogar a demanda por atendimento médico.

Médicos no rádio

Foto: Humberto Santos

Estúdio da Rádio Lassance FM: estréia dos alunos do Internato Rural, Sérgio Delfino e Luís Henrique Pacheco, no programa Plantão Saúde que está no ar há mais de três anos. As rádios locais são uma alternativa para os estudantes informarem e orientarem a população sobre práticas corretas de saúde, meio ambiente e cidadania. Segundo o responsável pela rádio, Marcos Aurélio da Silva, a parceria entre os alunos, Projeto Manuelzão e as rádios comunitárias da bacia é "de suma importância, pois enriquece a nossa programação e a nossa população".

Foto: Humberto Santos

Luiz Pacheco (foto) atende na unidade de saúde pela manhã e à tarde realizam atividades voltadas para a saúde coletiva

UMA DAS FORMAS ENCONTRADAS pelo Internato para tentar fazer da saúde coletiva uma realidade é organizar os alunos em duplas e permitir que eles vivam por três meses em alguma cidade do interior de Minas Gerais. Durante esse tempo eles recebem visitas periódicas dos professores e podem experimentar diversas situações: prestar assistência à população, realizar atividades preventivas, educativas e até lidar com a burocracia do poder público.

O secretário municipal de saúde de Augusto de Lima, no baixo Velhas, Milton da Silva, destaca que os estudantes trazem idéias novas e atendem os pacientes de forma minuciosa. Para o secretário municipal de saúde de Ouro Preto, Ariosvaldo Figueiredo, o "internato depende muito da dupla, há duplas com muita iniciativa e outras muito tímidas. A dupla boa produz, atende e estabelece vínculo com a comunidade. A dupla não muito boa produz pouco e fica mais recolhida dentro do posto, da residência". A estudante Rimária Hamallo participou do Internato em São Gonçalo do Bação, distrito de Itabirito, no alto Velhas, de abril a junho deste ano e aconselha que os estudantes procurem se envolver com a prefeitura, com o conselho de saúde e com os Núcleos Manuelzão, para que, dessa forma, o aluno não vá "embora sem ter deixado nada para a comunidade".

Rimária ressalta que a transmissão de experiências entre as duplas é essencial para que os trabalhos desenvolvidos no Internato possuam continuidade. A secretária municipal de saúde de Itabirito, Valéria Mariana, também destaca a necessidade de que haja maior cuidado nos momentos de transição entre as duplas e que o Internato sugira mais atividades em saúde coletiva. Para a secretária, cabe ao município oferecer a infra-estrutura aos estudantes, mas o Internato é que deve ser o propositor.

Iniciativa de estudantes é fundamental

Para os estudantes do Internato priorizar a saúde coletiva implica, muitas vezes, em reduzir o número de atendimentos nas unidades de saúde locais. Foi o que ocorreu com as alunas Rimária Hamallo e Roberta Oliveira que estiveram de abril a junho deste ano em São Gonçalo do Bação. As estudantes tiveram que priorizar o atendimento em uma comunidade para se dedicarem à elaboração e discussão de um novo projeto para o recolhimento do lixo no distrito. A prefeitura realiza a coleta de lixo em São Gonçalo apenas às segundas e sextas-feiras, o que faz com que, ao longo da semana, o lixo se acumule e seja espalhado nas ruas por animais. "A gente viu que isso era uma questão de saúde, então, nós procuramos uma alternativa barata e que se adequasse à realidade do local", conta Rimária.

As estudantes, orientadas pelo professor Apolo Heringer Lisboa, propuseram à prefeitura a contratação de um carroceiro que ficaria encarregado de recolher o lixo do distrito. O lixo seco seria triado pelo carroceiro e encaminhado para a reciclagem, o lixo úmido passaria pelo processo de compostagem. O Projeto Manuelzão prestaria auxílio técnico e as alunas do Internato trabalhariam com a população a importância de se fazer a separação do lixo. O projeto não foi colocado em prática antes da partida de Roberta e Rimária, mas as estudantes que chegaram à São Gonçalo em julho, Ana Carolina Carneiro e Renata Coimbra, continuam a negociação com a prefeitura de Itabirito.

Rimária confessa que ficou frustrada com a demora na implantação do projeto, mas a secretária de saúde, Valéria Mariana, ressalta que as estudantes precisam compreender o processo que envolve as ações do poder público. Situações como essa mostram como o aprendizado oferecido pelo Internato pode ser rico.

jornal 32.qxd 31/8/2005 12:04 Page 11

Nossa Senhora dos Pretos

Festa de Nossa Senhora do Rosário: manifestação afro-cristã muito presente na bacia

CARLOS JÁUREGUI
Estudante de Comunicação Social da UFMG

Em toda a bacia do Rio das Velhas, é muito forte o culto aos padroeiros dos municípios. As histórias da devoção de cada lugar a um santo são inúmeras e fascinantes, tendo relação com a colonização de Minas Gerais e com o aparecimento de cada uma dessas cidades, na maioria das vezes, em torno de uma igrejinha. A Festa de Nossa Senhora do Rosário, padroeira dos negros, é realizada em várias dessas cidades, dentre elas: Belo Horizonte, Lagoa Santa, Jequitibá, Ouro Preto e Diamantina.

Em cada lugar, a Festa do Rosário tem suas singularidades, mas, geralmente, ocorre por volta dos dias 9 e 13 de outubro após uma novena ou semana preparatória. No último dia da preparação, um sábado, acontece o levantamento do mastro de Nossa Senhora. No domingo, é a vez do Reinado, que sai de algum ponto da cidade e vai à Igreja do Rosário, reunindo as guardas de congado, grupos que cultuam a Virgem através de cantos e danças de origem africana.

Ao chegarem à igreja, as guardas recebem a benção e participam da missa festiva. Em alguns lugares, durante a missa, são coroados o rei e a rainha do congado, em outros, a coroa é vitalícia e hereditária. Após a missa, os participantes saem, com seus reis, num festejo alegre que percorre as ruas levando o ritmo dos tambores e as cores das roupas africanas.

Os festejos também são espaços para o pagamento de promessas. "Se a rainha alcança uma graça, ela pode arcar com as despesas da festa por um ou sete anos", conta Domingos Vieira Rocha, capitão-regente da Guarda de Moçambique do congado do bairro João Pinheiro de Belo Horizonte.

Foto: Arquivo Projeto Manuelzão
Festa de N. Senhora do Rosário de Mocambeiro, médio Velhas

A CELEBRAÇÃO existe desde o período colonial, quando começou a ser realizada por irmandades, grupo de pessoas leigas que se reúnem sob a devoção do santo. De acordo com o historiador e assessor cultural da Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos de Diamantina, Erildo Nascimento de Jesus, esses agrupamentos tiveram origem na Europa, onde cada profissão tinha seu santo de devoção. "Aqui no Brasil essas ordens tomaram um caráter diferenciado. Se dividiam segundo raça e condição social", afirma Erildo. "As irmandades do Rosário eram formadas por negros", completa.

Segundo Erildo, uma das razões pelas quais a Virgem se tornou a padroeira dos negros foi o processo de conversão dos escravos africanos ao catolicismo. "O Rosário foi associado ao colar de contas de palmeiras de 'Ifa' ou 'Uifa', um orixá oráculo", explica o historiador, que completa: "mesmo que a irmandade do Rosário tenha sido imposta, os negros se utilizaram dela para resistir e se unir".

Caminhada identifica cenários roseanos

FLÁVIA AYER
Estudante de Comunicação Social da UFMG

Com a chamada do berrante começa a 5ª Caminhada Eco-literária de Cordisburgo, cidade do sertão mineiro e terra natal do escritor Guimarães Rosa. A viola introduz a contação de estórias e, assim, a obra de Guimarães Rosa vai sendo revelada ao grupo de caminhantes. A caminhada foi uma das atrações da 17ª Semana Roseana, realizada de 4 a 10 de julho, em Cordisburgo.

Durante a Semana, ocorreram debates, exposições, palestras, oficinas e apresentações artísticas a cerca da obra de Guimarães Rosa. O evento acontece anualmente em junho ou julho, para comemorar o aniversário de nascimento do escritor.

Um de seus atrativos é o Grupo de Contadores de Estórias *Miguilins*, que narra a obra Roseana. Como o tema desta Semana foi "Grande Sertão: Veredas", os *Miguilins*, pela primeira vez, encenaram o drama de Riobaldo e Diadorim, do livro *Grande Sertão: Veredas*. A coordenadora do Grupo, Dôra Guimarães, explica que são feitos "recortes da obra, de forma a construir uma linearidade e permitir o entendimento do público".

Além das sessões de narração de estória, os *Miguilins* participam da Caminhada Eco-literária, que ocorre no sábado da Semana Roseana. O organizador da caminhada, José Osvaldo Santos, o Brasinha, conta que, em 2000, ele e dez *Miguilins* foram à estação de trem de Cordisburgo e narraram o conto "Sorocô, sua mãe e sua filha", ambientado no local. A partir daí, "começamos a identificar os lugares geográficos reais na obra de Guimarães Rosa e a narrar os contos no local em que acontecem", relata.

Nesta quinta caminhada oficial, foi a vez de narrar *O Recado do Morro*, que conta a saga de Pedro Orósio, guia de uma comitiva que vai de Pirapora a Cordisburgo. Durante o percurso de 5 km até a Gruta de Maquiné, os cerca de 400 participantes se depararam com diversos personagens do conto, representados pelos *Miguilins*, e passaram por vários cenários do mesmo, como a Fazenda do Seu Saturnino e, é claro, a Gruta de Maquiné.

A moradora de Cordisburgo, Marilane Corrêa, afirma que foram os *Miguilins* e as caminhadas que a fizeram se interessar pela obra de Guimarães Rosa: "é muito interessante ver tudo como nos contos". Marilane diz que não deixou de ir às caminhadas nem durante a gravidez do caçula, de um ano. Brasinha tem planos para as próximas edições: "queremos colocar um mateiro da região para falar sobre as plantas".

A repercussão da Semana Roseana, das caminhadas e dos *Miguilins* têm ido além das fronteiras de Cordisburgo, atraindo muitos turistas, como o estudante de Letras da USP (Universidade de São Paulo), Teo Garfunkel: "Vim de São Paulo só para a Semana".

Foto: Flávia Ayer
Ao som da viola, participantes da Semana Roseana passeiam pelo sertão de Cordisburgo

jornal 32.qxd 31/8/2005 12:05 Page 12

Ecos da Educação

Tatu-bolinha para estudar o ambiente

Eliziane Lara
Estudante de Comunicação Social da UFMG

Falar sobre meio ambiente com as crianças a partir de algo bem corriqueiro e que a maioria delas conhece bem: o tatu-bolinha. Essa é a proposta do Projeto Tatu-bolinha, elaborado pelo professor do departamento de geografia das faculdades FEMM (Fundação Educacional Monsenhor Messias), em Sete Lagoas, Walter Matrangolo. Comum nas hortas, quintais e jardins, o tatu-bolinha é um crustáceo inofensivo e atraente para as crianças, pois ao ser tocado se enrola, formando uma bolinha.

O Projeto Tatu-bolinha consiste numa cartilha que apresenta a proposta, descreve experimentos práticos e fornece textos sobre ecologia, interdisciplinaridade e eco-alfabetização. As experiências práticas são divididas em três fases. Na primeira, são apresentadas informações sobre a vida do tatu-bolinha, nesse caso, podem ser envolvidas disciplinas como biologia, português e a técnica da contação de histórias. Na segunda, os alunos fazem experimentos para entenderem a importância da decomposição das folhas secas e os danos causados pelas queimadas. Por último, materiais como garrafa pet e caixa de sapato ajudam a demonstrar a função da cobertura vegetal na conservação do solo.

Folhas, flores, sementes e frutos caídos pelo chão são um prato cheio para o tatu-bolinha. Depois de se alimentar, ele defeca e suas fezes ajudam a fazer do solo uma "esponja" capaz de absorver mais água

Ilustração: Procópio de Castro

A interdisciplinaridade é um ponto destacado pela proposta do Tatu-bolinha. Por isso, a cartilha explica como as disciplinas de português, biologia, química, física, geografia, história, artes e matemática podem atuar dentro do projeto.

O professor Walter participa do sub-comitê em criação da bacia do Ribeirão Jequitibá e ressalta o papel da entidade na divulgação do projeto para os professores da região: "levei a proposta, e quem conseguiu implementar foi o comitê". O projeto Tatu-bolinha foi apresentado num encontro de professores organizado pelo sub-comitê em estruturação em maio deste ano. Participaram do evento representantes de 74 escolas das três redes de ensino: estadual, municipal e particular.

Na Escola Estadual Professor Vitor Pinto, em Jequitibá, distrito de Sete Lagoas, os alunos das fases um (7 anos) e quatro (9 a 10 anos) visitaram a horta da escola para conhecer os hábitos do tatu-bolinha. A intenção da professora da fase quatro, Francisca de Oliveira, é explorar ainda mais a proposta, que avalia como positiva, pois permite o trabalho conjunto entre disciplinas e atrai os alunos.

A atual proposta do Projeto Tatu-bolinha é voltada para alunos de 1ª à 4ª séries. A expectativa de Walter é que no segundo semestre deste ano, após algumas modificações, o projeto possa ser levado a professores de 5ª à 8ª série.

Mais informações: (31) 3773-2022
waltermatrangolo@hotmail.com

Como aprender fora da sala de aula

Gracielle Fonseca e Vanessa Costa
Estudantes de Comunicação Social da UFMG

As visitas a campo podem ser feitas por alunos de qualquer idade, permitem vivenciar o conteúdo teórico estudado, são um importante complemento pedagógico e estimulam a interdisciplinaridade. De acordo com o monitor da Estação Ecológica da UFMG, Ericson Sousa da Silva, essas visitas despertam nos estudantes "uma idéia de um mundo bem maior que a sala de aula".

Brenda Luíza de Araújo, aluna da Escola Municipal Hélio Pellegrino, de Belo Horizonte, tem apenas sete anos e em visita à Estação Ecológica da UFMG aprendeu que não deve deixar a torneira aberta nem demorar no banho "para ajudar a natureza". Mas como preparar uma visita a campo para que ela não se transforme em um simples passeio?

Segundo a professora de biologia do Colégio Técnico da UFMG (Coltec), Rosilene Siray Bicalho, o primeiro passo consiste na preparação do professor. É necessário que ele esteja consciente das relações que podem ser estabelecidas no lugar a ser visitado, sabendo aproveitar as especificidades da área e de seus alunos. Assim, é possível visitar tanto uma praça para estudar biologia, quanto um parque de diversões para estudar física.

O diretor da Estação Ecológica da UFMG, professor Celso Baeta, também atribui grande importância à participação efetiva dos professores. É essencial que antes de trazer a turma o professor compareça ao local, "para que ele possa conhecer quais as oficinas que realmente vão se adaptar ao conteúdo que ele está trabalhando", enfatiza o diretor da Estação.

O monitor Ericson Sousa diz que, apesar de a Estação Ecológica contar com monitores preparados para fazer a caminhada ecológica e ministrar as oficinas de educação ambiental, é bem mais produtivo quando os alunos são orientados sobre alguns aspectos a serem observados. O principal objetivo da visita a campo não é ser uma aula, e sim complementar o que é visto na escola.

E isto também vale para regiões onde não há uma estação ecológica estruturada como a da UFMG. O importante é ficar atento às possibilidades de cada local. Por exemplo, se no bairro há um rio ou córrego é interessante estudá-lo. Observar se a água é poluída, qual seu cheiro, se os moradores jogam lixo ali. A partir dessa análise os alunos podem até propor soluções para melhorar as condições ambientais e acabam se conscientizando do local em que vivem, o que é fundamental. "Não adianta falar do rio Amazonas, às vezes é melhor perguntar para os meninos se tem um rio lá no bairro deles, e aí mostrar a realidade daquele rio", afirma o monitor da Estação, Ericson Sousa.

Foto: Vanessa Costa

Alunos em visita à Estação Ecológica da UFMG

Locais de visitação

- Estação Ecológica da UFMG
Tel: (31)3499-2296
- Parque das Mangabeiras
Tel: (31)3277-8277
mangaba@pbh.gov.br
- Parque Ecológico da Pampulha
Tel: (31)3277-7286
- Centro de Educação Ambiental da Copasa
Tel: (31)3250-1676

jornal 32.qxd 31/8/2005 12:05 Page 13

Não basta coletar, é preciso entender

Humberto Santos e Mariah Mello
Estudantes de Comunicação Social da UFMG

Os primeiros projetos de coleta seletiva nas escolas se resumiam à colocação de coletores e ao estímulo à doação de materiais em troca de diversas recompensas. Logo se viu que esse tipo de trabalho ia na contramão do que se pretendia, pois incentivava o consumo. "No início era complicado, as pessoas não entendiam o que era a coleta seletiva", explica a chefe da Divisão de Educação para Limpeza Urbana da SLU (Superintendência de Limpeza Urbana), Vitória Cavalieri.

Hoje, diversas escolas aliam a separação de materiais a um projeto de educação ambiental. Com o objetivo de sensibilizar estudantes, a SLU mantém no aterro sanitário de Belo Horizonte uma Unidade de Educação Ambiental (UEA). A UEA é aberta a visitas orientadas e recebe alunos a partir de seis anos de idade. São oferecidas diversas oficinas e palestras no local. "Esse tipo de trabalho desenvolve nos alunos a noção de cidadania, de solidariedade e de seu papel no ambiente em que vive", explica Vitória.

Há também o grupo de teatro *Até Tu SLU* que se apresenta nas escolas, chamando a atenção das crianças para temas como a poluição dos rios e córregos, a preservação do solo e do ar e até mesmo para a própria coleta seletiva. Segundo Vitória, todas as escolas municipais já se encontram envolvidas com esse projeto, que atende cerca de 2400 alunos por mês.

A Escola Estadual Dr. Eduardo Góes Filho em Jaboticatubas também possui um programa de coleta seletiva. O projeto *Reciclar é viver* surgiu depois que a Expedição Manuelzão desce o Rio das Velhas passou pela região, em 2003. A passagem dos caiaqueiros despertou nos alunos e nos membros do Núcleo Manuelzão Cotinha a necessidade de fazer alguma coisa pelo meio-ambiente. O projeto foi implantado e recolhe, em média, 300 quilos de material, arrecadando, aproximadamente, R$ 130 por mês. Com o dinheiro arrecadado, já foram adquiridos aparelho de som, televisão, vídeo-cassete, e foi construído um palco de alvenaria para as apresentações da escola.

Foto: Cemp/SLU

Alunos aprendem a reutilizar garrafas na "Oficina ecologia musical ao som de garrafas", da UEA

Foto: Cemp/SLU

Outra oportunidade de aprendizado para os estudantes que visitam a UEA é a oficina de mosaico

Asmare nas escolas

O *Circuito Ambiental* é o projeto de coleta seletiva desenvolvido pela Asmare (Associação dos Catadores de Papel, Papelão e Material Reaproveitável) e envolve 11 escolas particulares de BH, onde estão instalados coletores comprados pelas próprias instituições. O trabalho da Asmare consiste no recolhimento semanal de todo o material armazenado.

A implementação dessa parceria é iniciada com uma palestra educativa realizada pela Asmare, para explicar aos alunos a importância e o funcionamento da coleta seletiva. Segundo o responsável pela divulgação da Associação, Evanildo de Souza Santos, o envolvimento das crianças se dá quando elas entendem que a vida da família de muitos catadores depende desse trabalho. "A gente costuma dizer que nós só queremos aquilo que eles jogam fora", conta Evanildo.

Mais informações sobre a UEA:
(31) 3277-9967
Para participar do Circuito Ambiental:
(31) 3201-0717

Jornal: uma nova ferramenta para o ensino

Frederico Machado e Verônica Soares
Estudantes de Comunicação Social da UFMG

O uso do jornal como instrumento pedagógico está se tornando uma alternativa interessante para muitas escolas. Ao utilizar o jornal como ferramenta de ensino, professores e educadores podem enriquecer as aulas e atrair a atenção dos alunos de diversas maneiras. Desde a simples leitura seguida de debate até a produção de um jornal próprio com o conteúdo estudado em diversas disciplinas é possível ampliar o universo de aprendizado dos alunos e contribuir para uma melhor compreensão do cotidiano.

A professora de matemática da 8ª série da escola Cooperativa de Ensino de Belo Horizonte, Denise Araújo, criou, junto com seus alunos, o Economix, um jornal sobre economia. "Com o jornal se aprende em diversas áreas. Além do aprofundamento na área de economia, que é muito interessante, e sobre coisas que fazem parte do dia-a-dia das pessoas, pudemos aperfeiçoar a parte da leitura e da escrita, além de entender o que é um jornal e seus cadernos", conta Denise.

Entretanto, para maximizar resultados, uma orientação aos educadores sobre a melhor forma de se utilizar o jornal como instrumento de aprendizagem é indispensável. É o que propõe o Programa *Jornal e Educação* da Associação Nacional dos Jornais (ANJ).

Esse Programa auxilia os jornais associados a criar e a manter um programa de utilização do jornal nas escolas. Além disso, o *Jornal e Educação* orienta os educadores e promove a troca de informações entre esses profissionais. "Desse modo, acreditamos que cada programa de leitura aproxima os educadores - e estes aproximam os alunos - de uma análise mais ampla da imprensa e de sua importância na sociedade contemporânea", explica a diretora do programa *Jornal e Educação* da ANJ, Carmem Lozza. Atualmente, 50 jornais já possuem seus programas cadastrados e seguem as diretrizes propostas pela ANJ. Para Carmem, através do programa, os jornais conseguem cumprir parte da responsabilidade social frente às desigualdades do país e contribuem para aumentar os índices de leitura entre os brasileiros.

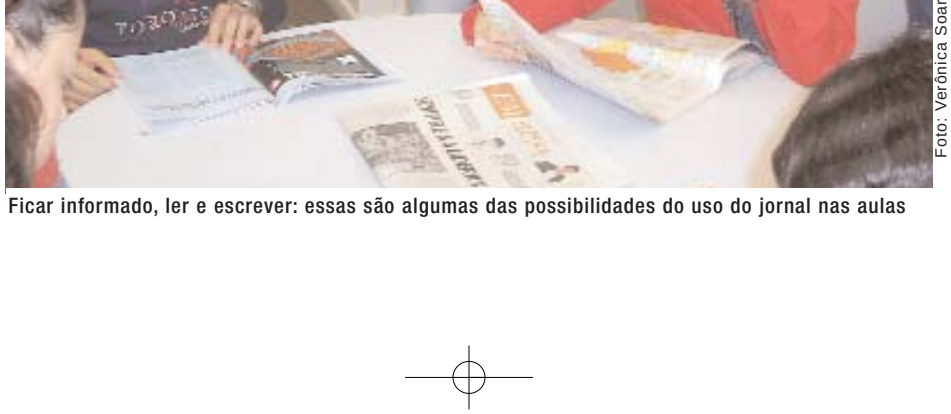


Foto: Verônica Soares

Ficar informado, ler e escrever: essas são algumas das possibilidades do uso do jornal nas aulas

Jaboticatubas

Na Escola Estadual Dr. Eduardo Góes Filho, em São José do Almeida, distrito de Jaboticatubas, o Jornal Manuelzão é utilizado pela professora da 1ª a 4ª série Jussara Nogueira. Segundo ela, os temas abordados pelo jornal são trabalhados de acordo com os assuntos tratados nas aulas de geografia e ciência. "Eu peço para os alunos lerem, faço uma atividade, recorte, colagem, desenho livre e depois uma produção de textos", afirma a professora.

jornal 32.qxd 31/8/2005 12:05 Page 14

Acontece

Painel

USP visita Guaicuí

Barra do Guaicuí, distrito localizado no encontro do Rio das Velhas com o São Francisco, recebeu em junho a visita de alunos do curso de Geografia da USP (Universidade de São Paulo), com o objetivo de constatar a influência do Projeto Manuelzão na comunidade. A professora de geografia Almira Lima relatou experiências realizadas na localidade e que foram influenciadas pelo Projeto. Entre essas atividades está a construção de uma praça num local que servia de depósito de lixo.

Reserva da biosfera

A parte meridional da Serra do Espinhaço que vai de Ouro Branco à Diamantina foi declarada Reserva da Biosfera no dia 27 de junho de 2005. O título concedido pela Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) incentiva e legitima as ações de proteção ambiental na região, além de ajudar a atrair investimentos para políticas de conservação. Um dos próximos passos é a criação do conselho da reserva que contará com a participação da sociedade civil, setor produtivo e poder público para fazer uma gestão integrada desse trecho da Serra. Além das nascentes do Velhas, a reserva abrange nascentes de rios como Paraopeba, Piracicaba e Doce.

Mais proteção

Proteção para nascentes do Velhas. É o que se espera com a criação do Parque Natural das Andorinhas, em Ouro Preto. A câmara dos vereadores da cidade aprovou por unanimidade, no dia 11 de julho de 2005, a redelimitação da área do parque. Definido em um decreto municipal de 1968, o parque nunca chegou a existir. A partir de estudos técnicos realizados recentemente a área foi redelimitada e o projeto arquitetônico está sendo realizado. A proposta é que o parque possua áreas de lazer e áreas de proteção que, entre outras coisas, abrigarão as nascentes do Velhas.

Por falar em água

O Decreto Federal 5.440, já em vigor, obriga as companhias de saneamento a enviar relatórios mensais e anuais sobre a qualidade da água nas contas que os consumidores recebem em casa. Os relatórios devem conter dados sobre as características da água e dos mananciais além de orientações sobre potenciais riscos à saúde, o nome do órgão responsável pela vigilância da qualidade da água e orientar sobre os direitos do consumidor. Essas especificações devem ser enviadas nas contas de água, até o dia 5 de cada mês, a partir de março de 2006.

Sobrevôo

Uma equipe do Projeto Manuelzão e do Subcomitê em criação da bacia do ribeirão Onça sobrevoou no dia 15 de julho a bacia do Onça, em Belo Horizonte, para realizar filmagens e fotos. O helicóptero utilizado foi cedido pela Infraero (Empresa Brasileira de Infra-estrutura Aeroportuária), representado no subcomitê por Izamar Rezende. As imagens serão utilizadas na produção de um vídeo e as fotos, feitas por Welton Prado, do subcomitê, farão parte de uma exposição.

Região cárstica

Acontece no dia 25 de agosto, em Matozinhos, um fórum para discutir a importância da área cárstica, situada na região de Lagoa Santa. Trata-se de uma área delicada dada a riqueza de vestígios arqueológicos que abriga. O Fórum é uma iniciativa dos subcomitês em criação da Bacia Hidrográfica do Ribeirão da Mata e Peter Lund da Região Cárstica.

Peixes

Em 13 de maio deste ano, foram distribuídos cerca de 50.000 alevinos de curimatã nos rios Curimataí, Rio do Salobro, do Condado e Rio das Pedras, em Buenópolis, médio Velhas. O trabalho foi uma iniciativa do Departamento de Meio Ambiente do município, em parceria com a Emater, a Polícia de Meio Ambiente e a Codevasf (Companhia de Desenvolvimento do Vales do São Francisco e do Parnaíba).

FestiVelhas

Foram mais de 400 as inscrições para o FestiVelhas: Festival de Arte e Cultura da Bacia do Velhas, que acontece de 11 à 15 de novembro em Morro da Garça. O resultado da seleção sai no dia 19 de agosto e pode ser conferido em nosso site.

Boletim eletrônico

A partir de setembro, a equipe de comunicação do Projeto Manuelzão produzirá um boletim que será enviado semanalmente por e-mail, com notícias do Projeto, de seus núcleos e parceiros, além de dicas sobre cursos e seminários. Se você estiver interessado em receber o nosso boletim, envie um e-mail para *jornal@manuelzao.ufmg.br*

Eleições do CBH-Velhas

Foram realizadas no mês de agosto as plenárias para a eleição dos novos membros do Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio das Velhas (CBH-Velhas). Como previsto no Decreto Estadual de criação do comitê (nº 39.692/98), foram escolhidas sete entidades titulares e sete suplentes para cada um dos segmentos representados no comitê: sociedade civil organizada, usuários de água, poder público municipal e estadual.

Essa formação contribui para a gestão descentralizada dos recursos hídricos. Cabe aos comitês, o encaminhamento de questões que dizem respeito a toda a população, como, por exemplo, a cobrança pelo uso da água e a outorga de direito de uso dos recursos hídricos.

A lista das instituições eleitas pode ser consultada no site do Projeto Manuelzão: www.manuelzao.ufmg.br

Parque no Eldorado

Do sonho de preservar a última área verde da região nasceu o Parque Ecológico Thiago Rodrigues Ricardo, no bairro Eldorado, em Contagem. O Parque completou em junho um ano. Membros do Núcleo Manuelzão Ferrugem e comunidade local começaram, em setembro de 2002, a mobilização em busca de apoio político para a preservação da área, onde há duas nascentes pluviais e que antes era utilizada como canteiro de obras. No mesmo ano, conseguiram a regulamentação do parque e o apoio de vereadores e do prefeito. No último domingo de todo mês, acontecem no parque apresentações artísticas e oficinas ligadas à temática ambiental. O Parque fica à rua das Paineiras, 1722, bairro Jardim Eldorado.

Informações: (31) 3351-6188

Foto: Marco Antônio Pessoa

O Parque Ecológico do Eldorado possui uma área de passeio e recreação aberta à comunidade

Transposição

O Exército Brasileiro empregará o 1º Grupamento de Engenharia de Construção de João Pessoa, na Paraíba, para realizar os trechos iniciais da transposição do São Francisco. O Exército construirá barragens e canais nos dois eixos do projeto. O Plano de Trabalho já está aprovado e aguarda a licença do Ibama. As obras devem custar R$ 92 milhões. Mas o projeto ainda enfrenta entraves. O Ministério da Integração Nacional teve que adiar, pela terceira vez, a data para o recebimento das propostas das empresas interessadas em fazer as obras. O Tribunal de Contas da União pediu informações ao Ministério sobre questões da licitação que poderiam configurar irregularidades. Outro entrave, segundo a revista Época (15/08/2005), é que um levantamento do Ministério do Planejamento revela que, dos R$ 586 milhões que poderiam ser gastos no projeto neste ano, só R$ 300 milhões poderão ser efetivamente executados, devido ao atraso nas audiências públicas.

jornal 32.qxd 31/8/2005 12:05 Page 15

Expedição para além da TV

Dissertação de mestrado estuda relação entre mídia televisiva e mobilização social

Carolina Silveira
Estudante de Comunicação Social da UFMG

Quando desenvolvemos um trabalho de mobilização queremos que todos o conheçam e a lembrança mais comum para promover a divulgação é quase sempre a televisão. O curioso é que muitas vezes o resultado não agrada. Que tal inverter a questão: o que a televisão, mais especificamente, o jornalismo destaca de um acontecimento? É o que procurou entender o relações públicas Rennan Lana Mafra em sua dissertação de mestrado que abordou a cobertura televisiva jornalística da Expedição realizada pelo Projeto Manuelzão em 2003.

"Visibilidade midiática e mobilização social: entre o espetáculo, a festa e a argumentação" é o título do trabalho, apresentado à banca de avaliação no dia 13 de junho deste ano. Rennan iniciou o mestrado no curso de Comunicação Social da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG em 2003. A dissertação é baseada na análise do material jornalístico sobre a Expedição veiculado na Rede Globo Minas, televisão privada, e na Rede Minas, que é pública. Rennan procura mostrar como que as três dimensões da mobilização (espetáculo, festa e argumentação) foram construídas na Expedição e na mídia televisiva.

Foto: Arquivo Projeto Manuelzão

A cobertura da mídia foi mais intensa sobretudo próximo à região metropolitana

Conheça um pouco mais sobre a dissertação

Em entrevista ao Jornal Manuelzão, Rennan falou sobre seu trabalho e sobre alguns conceitos desenvolvidos na tese:

Jornal Manuelzão: Porque estudar a Expedição?

Rennan: Entrei no mestrado sem saber o objeto que eu ia estudar. Me propus a estudar o Projeto Manuelzão, mas até então a Expedição não tinha existido. Quando vi a Expedição, o planejamento e o resultado fiquei apaixonado por esse evento e achei que seria uma ótima oportunidade para estudar a relação de uma grande ação de mobilização, com a mídia de massa e a comunicação estratégica.

O que você queria entender?

A Expedição teve todo um formato de espetáculo que levou para a cena pública uma causa para ser debatida, para mobilizar sujeitos. Queria, num primeiro momento, entender o espetáculo e o seu limite na mobilização. O espetáculo é muito mal visto.

E como podemos definir o espetáculo?

Fui entender o espetáculo como aquilo que é extraordinário, que merece ser visto. No sentido da encenação mesmo.

E que não é necessariamente negativo?

Não. Só que a gente não pode reduzir a mobilização em gerar espetáculos. Ele tem a contribuição de dar visibilidade para a causa. Se ele ganha espaço na cena pública, consegue ser visto por uma série de pessoas, torna a causa conhecida. Só que não basta existir, uma coisa é as pessoas terem conhecimento, isso o espetáculo gera. Agora quando a gente fala de mobilização, as pessoas precisam debater temas, discutir. Isso o espetáculo não permite.

Foto: Arquivo pessoal de Rennan Mafra

A Expedição foi um espetáculo?

A própria Expedição me revelou que ela não era só um espetáculo. Vi, por exemplo, que ela foi também uma festa. A festa gera uma modalidade de participação diferente. Se no espetáculo você participa assistindo, na festa você pode de forma mais autônoma interferir, você também tem participação na festa. Um dos pontos que fez com que a Expedição não fosse só espetáculo foi a oportunidade que o projeto criou dos próprios comitês (Núcleos Manuelzão) participarem de forma ativa.

Como entender então a mobilização?

O espetáculo é uma dimensão da mobilização. Quando as pessoas estão na beirada do rio, aquilo é uma dimensão do processo de mobilização. A festa é outra dimensão, é um momento que permite que a gente compartilhe. As pessoas precisam compartilhar sentimentos, propósitos e a festa permite isso. Só que ficar só na celebração e no espetáculo não gera uma participação dos sujeitos na vida coletiva. Como você participa dos assuntos que interessa a todos? Através do diálogo, do debate. É no momento do debate que você vai vendo as posições e criando novos entendimentos.

Que dimensão da Expedição foi mais retratada pela mídia?

A televisão destacou mais a dimensão espetacular. O enfoque principal era dado à aventura, à descida do rio, apesar de não excluir em momento algum a dimensão argumentativa. Por mais que tivesse a dimensão espetacular muito evidenciada, ela (Expedição) tinha por trás a causa. Não era um espetáculo à toa, estava sendo feito para chamar a atenção de um rio que precisa mudar. A mídia não ignorou isso. Só que o tempo dedicado à falar da causa tendia a ser um muito menor do que o dedicado a falar da aventura.

Que papel você atribui à cobertura da grande mídia?

O que está na grande mídia hoje é o que é discutido. É fundamental que a nossa causa ganhe esse espaço. Só que a grande mídia não existe só para mobilizar as pessoas. O que está na mídia pode gerar debate, claro, mas ela não tem esse papel fundamental. Às vezes, cria-se sobre a mídia uma expectativa tal como se ela fosse resolver todas as questões da vida coletiva, todas as questões da mobilização. A mobilização é a latência também, não é só o que é visto. Esse é o perigo do espetáculo. Se você entende mobilização como espetáculo, então ela tem que aparecer, se não aparece não é mobilização.

Como foi estudar a Expedição?

Foi uma oportunidade única de estudar um evento com grandes dimensões. Acho que um bom trabalho acadêmico é aquele que traz grandes perguntas, muito mais do que respostas. A expedição me trouxe muitas perguntas. Revelou questões que até então não tinham sido discutidas, simplesmente porque não tinham sido registradas como foi a expedição, o registro é fundamental. O Projeto me deu condições e abertura para estudar.

jornal 32.qxd 31/8/2005 12:06 Page 16

Gente Nossa

Perto de mundos distantes

Contadores de estórias estimulam imaginação do público

Humberto Santos
Estudante de Comunicação Social da UFMG

Seu Uraci em uma apresentação: "o contador é o tempero da estória"

Foto: Arquivo pessoal de Uraci Micael

"Conto o conto que vos conto, assim como me contaram. Querem ouvir? Vos conto". Essa é a forma que o servidor público e contador de estória, Uraci Micael, de 48 anos, começa suas narrativas. Ele nos diz que essa maneira de iniciar as estórias é comum em Angola, de onde vieram seus antepassados. E foi sua avó, Maria Candinha, descendente de escravos, que contou as estórias das aldeias africanas para ele, quando Uraci ainda era criança, lá em Rio Acima, na beira do Velhas.

"Minha vó reunia os filhos, netos, sobrinhos, vizinhos e contava estórias. O interessante é que durante o dia não conseguíamos arrancar um conto dela. Ela dizia que quem conta estória de dia, cresce rabo que nem macaco", lembra Uraci. As referências do contador vão de Angola até Monteiro Lobato, já que na escola os professores contavam, ao final das aulas, as narrativas do criador do Sítio do Pica Pau Amarelo.

O encantamento e a magia da contação de estórias transporta quem conta e quem ouve para um mundo onde lugares distantes se tornam próximos, príncipes princesas e bruxas são conhecidos e onde a nossa cidade ou região é reconhecida, seja com os causos do rio, com os mistérios do cotidiano e com a vida dos antepassados. E é a imaginação das crianças que é mais estimulada pelas narrativas.

Roberto de Freitas, de 36 anos, vive do fascínio de contar estórias e diz que "colaboramos na construção de um adulto sadio quando contamos estórias para uma criança". Ele afirma que contar estórias é uma coisa simples, só precisa de duas coisas: alguém para contar e outro para ouvir. Especialista em contos de tradição oral, recolhidas em suas andanças pelo mundo, Roberto conta estórias para crianças de 8 a 80 anos. E ele tem uma forma peculiar de narrar seus contos: não prepara, nem escolhe as estórias para cada apresentação, começa o espetáculo "normalmente batendo a Sonsa, este é o nome da minha caixa de folia, ela faz uma sonseira. Ela me serve como um instante de avaliação do perfil dos ouvintes. A partir daí saberei quais as estórias que serão contadas, quais as que sairão, para aquele momento único".

A observação do cotidiano para pegar as estórias no ar, também é usada por Uraci: "o contador de estórias é um abelhudo. Fica escutando, observando e tira desse cotidiano personagens, fatos e transforma em narrativas." Para transformar o dia-a-dia em contos, Uraci teve a ajuda dos filhos, que ouviam as narrativas criadas pelo pai e opinavam se eram ou não boas. "Eu tive um laboratório em casa", diz.

A contação de estórias, à noite, após o jantar e antes de dormir, fez parte da tradição familiar há muito tempo. Os contadores lamentam a perda da tradição. Seu Uraci acredita que a prática de contar estórias deveria ser exercida novamente pelos pais e educadores, pois "o conto oral serve como suporte para a escrita e para a leitura. Contar estórias ajuda a pensar". Para a bibliotecária e contadora de estórias do Centro Pedagógico da UFMG, Flávia Filomena "os adultos às vezes colocam alguns limites para viajar, imaginar". Roberto de Freitas completa: "acredito que o mundo estaria bem diferente do que está hoje, se tivéssemos escutado mais estórias. Um pai que conta estórias para seus filhos, se eterniza em gestos e imortaliza conceitos que serão lembrados por todas as suas gerações futuras".

Uraci afirma que qualquer pessoa pode ser um contador de estórias, pois cada um conta sua estória, do seu jeito e nos dá um exemplo: um paciente diante do médico é um contador de estórias. Sem a narrativa de vida do paciente o médico não pode entender o que o paciente tem. E para os iniciantes, Roberto de Freitas dá uma dica: "o maior segredo de um grande contador de estórias é só contar verdades, por mais mentirosas que sejam e, sobretudo, acreditar sempre no que está contando".

Parceria e Patrocínio do Jornal

MINAS GERAIS GOVERNO DO ESTADO
EDUCAÇÃO
Construindo um novo tempo

COPASA

PREFEITURA BH
TRABALHO PELA VIDA

MINAS GERAIS GOVERNO DO ESTADO
MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL
Construindo um novo tempo
IGAM FEAM IEF

AVINA

ARAUJO
DROGARIA DRUGSTORE

51 MUNICÍPIOS DA BACIA DO RIO DAS VELHAS

Sede do Projeto Manuelzão

Faculdade de Medicina
Universidade Federal de Minas Gerais
Departamento de Medicina Preventiva e Social - Internato em Saúde Coletiva

Av. Alfredo Balena, 190, 10° andar
sl. 10.012 - St. Efigênia - Belo Horizonte Minas Gerais - Brasil - CEP: 30130-100
www.manuelzao.ufmg.br
manuelzao@manuelzao.ufmg.br

PROJETO MANUELZÃO
SAÚDE, AMBIENTE E CIDADANIA
BACIA DO RIO DAS VELHAS
UFMG